

Uma atração fatal

Dada a oportunidade, pode-se viver a atração por monstro como licença para assassinar

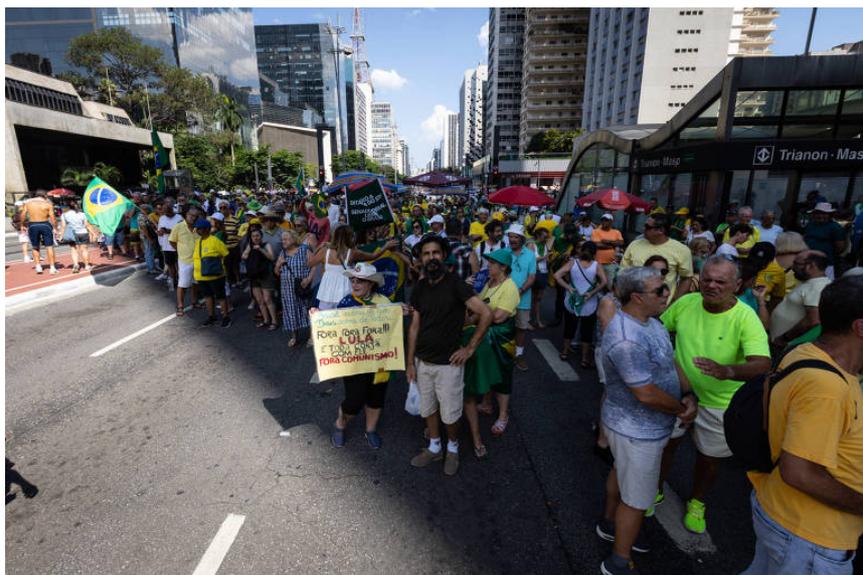
Muniz Sodré

Sociólogo, professor emérito da UFRJ, autor, entre outras obras, de “Pensar Nagô” e “Fascismo da Cor”

Folha de S. Paulo, 17.fev.2024

- • Entra para a história universal do grotesco a autodúvida escatológica do ex-presidente na reunião de 5/7/22: "Como é que eu ganho uma eleição, [um fodido como eu?](#) Deputado do baixo clero, escrotizado dentro da Câmara, sacaneado, gozado, uma porra de um deputado". De fato, um atordoante engano, que começa a desvelar-se pela notícia de que mais de mil pessoas com mandados de prisão pelo 8/1 fizeram doações por Pix à anomalia. Segundo a [pesquisa Quæst](#), 43% das pessoas não veem dedo dele na invasão. Ele já convoca para manifestação em fevereiro.

Viável a hipótese de atração fatal. Num best-seller sobre a Guerra ("O Buraco da Agulha", de Ken Follet), os espões alemães na Inglaterra são descritos como "gente inútil", velhas solitárias, fascistas loucos e criminosos insignificantes, com algo em comum: [a atração por Hitler](#). Como os [vândalos do 8/1](#), massa de manobra barata.



Manifestação na avenida Paulista contra o Judiciário e oposição a Lula, em 15 de novembro de 2023 - Bruno Santos/Folhapress

Nesse gênero ficcional, dados históricos costumam ser verossímeis. Exceto aquele juízo de inutilidade. Na realidade, os comandos ingleses que degolavam sentinelas alemães no deserto africano eram recrutados nessa arraia-miúda social. Os "insignificantes" tornavam-se matadores. Dada a oportunidade, pode-se viver a atração por monstro como licença para assassinar. [Plenitude hobbesiana](#): o homem é o único animal que assassina (outra é a lógica da fera, que mata por fome ou território).

Entender o empoderamento da insignificância exige enxergar o povo real e não derivações de um proletariado idealizado como classe histórica. O povo recém-descoberto à luz das redes sociais, do gnosticismo bronco imiscuído em organizações de poder e do tropismo para a tirania não tem a ver com a ideologia do trabalho sob as formas do capital, e sim com o que a sociedade civil exclui.

Esse segmento sempre existiu como plebe, ralé, lumpen, ou seja, estratos marginalizados e investidos de rancor, abaixo do ordenamento culto que norteia a divisão social. A subjetividade política não mais se deduz da sociedade de classes. Mesmo nos surtos populistas, há surdez à linguagem popular.

A atual ultradireita tem ouvidos abertos. Em princípio, porque não há diferença emocional entre ela e a insignificância cívica: [uma massa tosca](#) em que o indivíduo, além do círculo íntimo, não sabe mais ao certo quem é ele mesmo. Mas ouve de espertalhões que é um combatente da "liberdade". De miseráveis a bem-nutridos, fica patente a atração comum por modulações caracterológicas de Hitler, emblema cívico-militar do extermínio. Ou impulsão infanto-midiática para um Godzilla arrasador. É fenômeno impermeável à razão liberal, com "monstruário" alternável: proscritos reciclando lixo político, candidatos poluindo a civilidade.